

## **Análise Semiótica da Temática “Aventura” na Literatura de Cordel<sup>1</sup>**

João Carlos Gomes TRAJANO<sup>2</sup>

Orlando Ângelo Da SILVA<sup>3</sup>

Antônio Roberto Faustino da COSTA<sup>4</sup>

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

### **RESUMO**

Este trabalho tem o objetivo de estudar folhetos de cordel que abordem, através das narrativas orais, catalogados na temática “Aventura”, envolvendo aspectos sociais e culturais nordestinos. Para o estudo, aplica-se aspectos Semióticos (símbolo, signo e interpretante), com o objetivo de preservar a cultura nordestina a partir da interpretação dos ícones, índices e símbolos presentes na linguagem da Literatura de cordel, tendo como base de pesquisa os cordéis da Biblioteca Átila Almeida (Universidade Estadual da Paraíba).

**Palavras-chave:** Literatura de Cordel; Semiótica; Paraíba; História; Preservação.

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo baseia-se na pesquisa “Campina Grande Representada na Literatura de Cordel: Uma Análise Semiótica do Humor, Romance e Aventura”, da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ - 2023/2024).

Pendurados em barbantes, os folhetos de cordel narram acontecimentos do cotidiano, envolvendo contextos políticos, históricos e sociais; criam cenários cômicos, fictícios e que divertem o leitor; falam de amor, traição, ganância e trazem a moral da história na última página.

A poesia popular escrita nos cordéis começa a partir do século XIX, iniciando pelo Nordeste brasileiro, com berço na Paraíba através do poeta Leandro Gomes de Barros (1868-1919), que registrou o primeiro folheto em 1893. A partir daí, a poesia se espalha entre o povo e avança para as demais regiões do país (TEIXEIRA, 2008).

### **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos em/de Comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Graduando em Jornalismo – Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista FAPESQ 2023-2024. Email: carlostrajano3012@gmail.com

<sup>3</sup> Graduado em Comunicação Social/Jornalismo e Mestre em Ciências da Sociedade - UEPB. Orientador do projeto de pesquisa. Email: orlandoangelo@servidor.uepb.edu.br

<sup>4</sup> Graduado em Comunicação Social/Jornalismo e Doutor em Educação - Universidade Federal da Paraíba. Colaborador do projeto de pesquisa. Email: robertofaustino@servidor.uepb.edu.br

O primeiro axioma da comunicação diz que “é impossível não se comunicar” (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 1967, p.45). Tudo o que vemos, lemos, ouvimos, escrevemos etc., passa alguma mensagem, seja intencional ou não.

É aqui que entra a semiótica. Segundo Santaella (2003), a semiótica é a ciência que investiga todas as linguagens possíveis, tendo como objetivo a análise “dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido.”

As impressões em papel colorido e os desenhos eruditos em xilogravuras, também são aspectos característicos da literatura de cordel. Seja a linguagem verbal ou não verbal, cada parte do folheto é singular e traz um sentido para o contexto no qual foi escrito. É uma arte popular que envolve conhecimentos empíricos e do senso comum que precisa ser preservada para valorizar os poetas e resguardar a memória regional.

“[...] em todos os tempos, grupos humanos constituídos sempre recorreram a modos de expressão, de manifestação de sentido e de comunicação sociais outros e diversos da linguagem verbal, desde os desenhos nas grutas de Lascaux, os rituais de tribos "primitivas", danças, músicas, cerimoniais e jogos, até as produções de arquitetura e de objetos, além das formas de criação de linguagem que viemos a chamar de arte: desenhos, pinturas, esculturas, poética, cenografia etc” (SANTAELLA, 2003).

Para Pignatari (2004), a teoria semiótica permite ao leitor interpretar o sistema de signos além da linguagem não verbal, como desenhos ou fotografias, e estimula-o a compreender também a natureza do signo verbal, como a escrita.

“Por aí, pode perceber-se a importância da Semiótica para o estudo da Literatura, uma vez que situar mais claramente o signo verbal em relação aos demais signos é uma tarefa de primeira ordem, uma verdadeira “prova vestibular” para a compreensão do fenômeno literário” (PIGNATARI, 2004).

Peirce estabeleceu uma relação triádica entre objeto, signo e interpretante, onde as definições interagem entre si. O objeto é aquilo que é real, palpável, que pode ser tocado ou experimentado. O signo é aquilo que representa o objeto, como uma imagem, um som ou o nome do objeto escrito. E o interpretante, é aquilo que o pensamento humano codifica ao ter contato com o signo, ou seja, o que se imagina ser o objeto (SANTAELLA, 2003).

Outro ponto é que o signo é um sistema dividido em três pontos: ícone, índice e símbolo. Veja o que diz Santaella (2003):

- Ícone: possui semelhança física com o objeto que representa (uma fotografia de um telefone, por exemplo);

- Índice: aponta para o objeto de referência através de vestígios, impressões ou ações que remetam ao objeto (o som do telefone);
- Símbolo: Não possui semelhança física com o significado real (a palavra “telefone”).

## ANÁLISE DA PROBLEMÁTICA

Para estudo, separamos dois folhetos de uma mesma história catalogados na temática “Aventura”. Optou-se por manter a linguagem original dos folhetos que, em sua maioria, trata-se da língua portuguesa arcaica, não seguindo o padrão do acordo ortográfico atual.

- **A vida de Cancão de Fogo e seu Testamento – Volume I e II (1949; 1959) – Leandro Gomes de Barros**

Classificação: Aventura

Os folhetos dessa narrativa contam a história de um homem paraibano muito astuto. Os versos o descrevem como espertalhão e trapaceiro. O nome dele não é revelado; desde criança ele é chamado de Cancão de Fogo devido a personalidade que tem.

“(…)  
foi o quengo mais ladino  
d’esta nossa geração.

Pois ele desde criança  
sabia tudo iludir  
estradeiro muito velho  
não o pode competir,  
o Cancão nunca armou laço  
que ninguém pudesse sair.” (BARROS, 1949, p. 1).

“Cancão” é uma ave que vive na região da caatinga. Com o nome científico *Cyanocorax cyanopogon*, também é popularmente conhecida como Gralha-cancã. É uma ave inteligente, curiosa e perspicaz que observa tudo ao redor. É considerada a “voz da caatinga” devido ao canto forte e inconfundível, que avisa sobre possíveis predadores e afasta outras aves do ninho. Possui plumagem branca no tronco, com penas pretas na altura da cabeça e listras azuis próximas aos olhos. (MACHADO, 2013; SILVEIRA, 2013).

- **Aplicando conceitos semióticos na capa do volume II da obra (Figura 1):**

Sendo Cancão de Fogo um personagem fictício, a representação na imagem é um ícone que se refere à personalidade dele: o paletó branco com pintas pretas assim como

no chapéu, apontam para a característica física do pássaro pelo qual o chamam; a mão esquerda levantada à altura dos olhos, remete a alguém que está sempre atento e curioso, como a Galha-cancã.

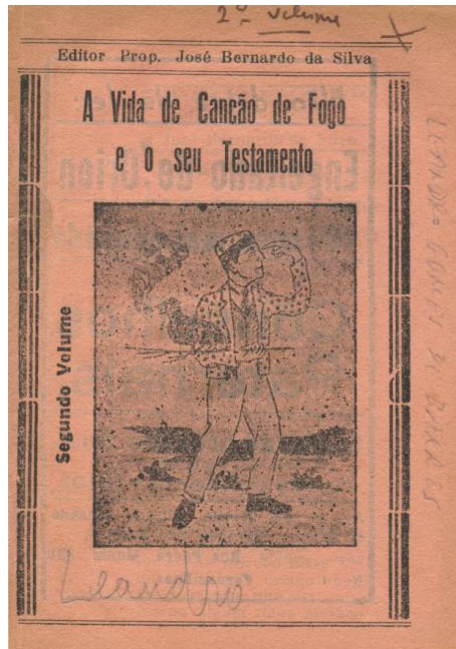


Figura 1: Capa do Volume II - Acervo/Reprodução Biblioteca Virtual Átila Almeida

A figura do pássaro apoiado no braço do personagem, é um ícone que se refere à Galha-cancã. Observe que na boca da ave há uma representação de ondas sonoras, que indicam a força do canto do pássaro característico da caatinga; é um índice que ajuda a distinguir o a Galha-cancã das outras aves.

O cenário da imagem também é um ícone que representa a região árida da caatinga, com chão batido e pouca vegetação. Região onde pode-se encontrar o Cancão (seja o pássaro ou o trapaceiro astucioso).

- **Aplicando conceitos semióticos em alguns versos do folheto:**

Nem mesmo os parentes de Cancão de Fogo tinham apreço por ele. Por sempre enganar as pessoas para conseguir o que queria, até os pais de Cancão não esperavam que ele vivesse por muito tempo. Inclusive, quando quase se afogou ao atravessar um rio a família dele assim reagiu:

“Os irmãos bateram palmas  
quando viram ele cair,  
disseram em casa: - nós vimos  
o Cancão se consumir,  
afogou-se nesse instante  
ali deitaram a sorrir.

A própria mãe de Cancão  
não deu sinal de sentida,  
quando trouxeram-lhe a nova  
da desgraça acometida  
e disse: - êle não prestava  
não derdeu-se nada a vida.” (BARROS, 1949, p. 4, 5).

Os versos “ali deitaram a sorrir” e “não deu sinal de sentida”, são símbolos emocionais que representam o desdém da família de Cancão pela existência dele. Ou seja, as ações verbais não são literais. Ninguém deitou ou deixou de sinalizar algo. A hipérbole do autor nos leva a interpretar a intensidade das emoções da família de Cancão naquele momento.

Com a morte do pai, Cancão usou as habilidades de convencimento para sustentar a casa. Porém, todos desconfiavam da forma que ele conseguia colocar comida na mesa da família.

“Todos da casa queriam  
Ver o Cancão se acabar,  
Dizia o Cancão de Fogo:  
Pode tudo me odeiar,  
Amor não enche barriga  
Ódio não faz empachar.” (BARROS, 1949, p. 6).

O verso “ver Cancão se acabar” representa um simbolismo de que a presença do personagem na família não era aceita. Cancão tenta justificar o comportamento dele nos versos “Amor não enche barriga” e “Ódio não faz empachar”. Mais do que receber atenção da família, o personagem trabalha com o símbolo em forma de ditado popular para reforçar que o importante seria conseguir o que comer, independente da forma que o fizesse e que o sentimento da família por ele não o abalaria.

Uma das trapaças de Cancão na tentativa de sustentar a família foi abordar um sertanejo que chegou na capital e que estava à procura de um lugar para se hospedar. Cancão prometeu levá-lo para um lugar de baixo custo onde ele poderia passar um bom tempo. Em troca, o sertanejo pagaria a Cancão pelo serviço. Cancão recebeu o dinheiro, deixou o homem na hospedagem e levou alimentos para casa. Porém, a mãe dele reagiu assim:

“A velha exclamou  
oh! bruto alamadiçoado,  
alem de seres ladrão  
és de mais até malvado  
alem de roubar o velho  
deixasse-o tão enrascado.” (BARROS, 1949, p. 5).

A trapaça? O “hotel” que o sertanejo entrou era um quartel de polícia e ele só pôde sair de lá no outro dia.

“Roubar objeto algum  
isso não; nunca roubou,  
mas em negócio com ele  
nunca ninguém se salvou,  
desde a igreja a justiça  
tudo isso se queixou.” (BARROS, 1949, p. 10).

## CONSIDERAÇÕES

Observar os cordéis a partir de conceitos semióticos da comunicação, ajuda-nos a entendê-los enquanto produções linguísticas, analisando os gêneros escolhidos pelos autores e os contextos socioculturais vivenciados por eles ao escreverem a obra. Assim, torna-se possível enxergar o avanço das tradições regionais, dos dutos populares e as semelhanças entre a cultura contemporânea e àquelas penduradas nos barbantes.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, L.G. **A Vida de Cancão de Fogo e Seu Testamento – Volume I**. Acervo Virtual – Biblioteca Átila Almeida. 48 p. Campina Grande, 1949. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/27502>. Acesso em 20/03/2024.
- MACHADO, Caio Graco. A Caatinga e suas aves. Com Ciência, Campinas, jul. 2013. Disponível em: [http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542013000500007&lng=pt&nrm=is&tlng=pt](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542013000500007&lng=pt&nrm=is&tlng=pt). Acesso em: 20 mar. 2024.
- PIGNATARI, D.. *Semiótica & Literatura*. 6. Ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. 119 p.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é Semiótica*. 2. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003. 86 p. 103 v.
- SILVEIRA, Luís Fábio. Corvídeos: enorme variação de tipos. *Cães & Cia*, [s. l], p. 50-51, jan. 2013. Bimestral. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Luis-Silveira/publication/273365310\\_Mundo\\_das\\_Aves\\_Corvideos\\_enorme\\_variacao\\_de\\_tipos/links/54ff23b40cf2eaf210b65247/Mundo-das-Aves-Corvideos-enorme-variacao-de-tipos.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Luis-Silveira/publication/273365310_Mundo_das_Aves_Corvideos_enorme_variacao_de_tipos/links/54ff23b40cf2eaf210b65247/Mundo-das-Aves-Corvideos-enorme-variacao-de-tipos.pdf). Acesso em: 20 mar. 2024.
- TEIXEIRA, L. A. *Literatura de Cordel no Brasil: os folhetos e a função circunstancial*. 2008. 44 f. TCC (Graduação) – Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1840/2/20513195.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2023.
- WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, Don D. *Pragmática da Comunicação Humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Editora Pensamento, 1967.